



## A imagem e as tensões para outros olhares

### *Image and tensions for other looks*

Andressa Dias Arndt

Kátia Maheirie

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

#### Resumo

Este trabalho faz parte de uma pesquisa mais ampla, desenvolvida em um município da região metropolitana da cidade de Curitiba, no sul do Brasil. A investigação foi qualitativa com caráter interventivo e participativo, uma vez que os sujeitos atuaram diretamente na criação de estratégias para intervenção no campo cotidiano. Atuamos em um Centro de Referência de Assistência Social - CRAS, com pessoas consideradas em vulnerabilidade social. O projeto foi nomeado Roda de Música e foi realizado por meio de encontros semanais dedicados a um fazer musical coletivo. Neste trabalho apresentamos o uso da imagem como um dos elementos produzidos durante o processo de construção de informações da pesquisa. Utilizamos a imagem como também produtora de discursos, potente na criação de ficções que apontam para construção de outros possíveis, em especial, os modos de olhar, escutar, sentir e pensar o humano, em um determinado contexto.

Palavras-chave: **Fotografia; Populações vulneráveis; Estética**

#### Abstract

*This paper is part of a broader research developed within a municipality of Curitiba, a city located in the south of Brazil. The investigation was performed in a qualitative manner with interventive as well as participatory characteristics due to the fact that the subjects of said investigation directly took part in the development of the strategy adopted for day-to-day intervention. We worked amidst a Reference Center for Social Assistance (Centro de Referência de Assistência Social - CRAS) with people considered to be socially vulnerable. The project itself was dubbed Circle of Song (Roda de Música) and enacted on a weekly basis so as to incentivize the collective creative process of musical composition. Throughout this paper we sought to appropriate the use of image as one of the elements produced during the information gathering process required for this research. Furthermore, we also used said image in order to produce speeches, a potent element in the creation of fiction that point to the construction of other possibilities, especially those concerning how life is viewed, heard, felt and thought of by humans, in general, when inserted into a specific context.*

**Keywords: Photography; Vulnerable populations; Esthetics**

## Introdução

Este trabalho é parte de uma pesquisa mais ampla (Arndt, 2015; Arndt & Maheirie, 2017)<sup>1</sup> que abordou a música como mediadora de encontros coletivos em uma comunidade situada na região metropolitana de Curitiba - PR, no Brasil. A região acolhe 29 municípios e possui mais de 3,2 milhões de pessoas. O município que atuamos tem aproximadamente 117 mil habitantes<sup>2</sup>. O CRAS que acolheu o projeto da Roda de Música atende uma área com aproximadamente 32 mil pessoas. A pesquisa descreveu, refletiu e analisou a proposta intitulada “Roda de Música”, que consistiu em encontros semanais abertos à comunidade, em um Centro de Referência de Assistência Social (CRAS). O CRAS é um equipamento vinculado ao Sistema Único da Assistência Social (SUAS) que atende população em situação de vulnerabilidade social, investindo no fortalecimento de vínculos familiares e coletivos.

Em nossa atuação naquela comunidade totalizamos 15 encontros, que aconteceram semanalmente, tendo uma participação que oscilou entre 01 a 12 participante(s) por encontro. A idade dos/as participantes que permaneceram até o término da intervenção foi de 58 a 77 anos.

Iniciamos nossos encontros assumindo uma proposta bastante horizontalizada na construção das experiências que teríamos. Com base nas ideias de Jacques Rancière (2002) acerca da igualdade das inteligências, compreendemos que as capacidades humanas desempenham, todas elas, o mesmo método, qual seja, a observação e interpretação daquilo que se experencia, com base naquilo que já vivenciamos. Sendo assim, todo humano é capaz de fala, de compreensão, de voz e de apropriação de signos, o que demonstra que os fazeres, seja artístico, técnico ou científico, é possível a todo e qualquer ser falante, derrubando hierarquias naturalizadas entre mestres e ignorantes.

A pesquisa teve caráter qualitativo, participativo e se configurou como um tipo de pesquisa-intervenção. Nossos encontros se caracte-

rizaram por momentos em que os/as participantes puderam explorar livremente alguns instrumentos musicais de percussão e o violão. Construímos um repertório do grupo, com canções elegidas por cada um/a dos/as participantes e, em um momento posterior, comusemos a canção “Vivendo a vida”, com letra e ritmo criados pelo grupo e proposta harmônica da musicoterapeuta pesquisadora que atuou no campo. Por fim, tivemos uma experiência de ocupação do espaço urbano para apresentação do cancionário e da composição do grupo em praça pública, bem como para entrega de cartões e doces para os/as moradores/as da comunidade durante a época do Natal.

Analisamos a experiência a partir dos sujeitos, dialogando sobre a potência do fazer musical coletivo (Arndt & Maheirie, 2017). Observamos que a música pôde mediar encontros no sentido de tensionar a configuração sensível, uma vez que o modo como os participantes eram vistos e escutados pôde ser deslocado. A categoria sensível é compreendida nesta proposta, a partir de Rancière (2009) como as formas de visibilidade, audibilidade, pensabilidade configuradas histórica e culturalmente, ou seja, os lugares hierarquicamente postos, que marcam uma parcela da população como superior e outra como subalterna. Outro aspecto significativo foi o lugar de criador e artista que os participantes puderam efetivamente ocupar, pelo menos, durante a experiência de intervenção. Pessoas que não possuíam formação técnica musical tocaram, cantaram e compuseram em grupo e experimentaram autorias a partir da vida cotidiana comum. Houve, entre os sujeitos pesquisados, a instauração de um projeto em comum, inaugurando um *nós* (Maheirie, 2012), movendo ações que se desdobraram para contextos outros como uma apresentação na praça da comunidade, a continuidade dos encontros da Roda de Música na casa de uma das participantes e a ampliação de laços comunitários entre os sujeitos, com seus outros e com o território.

Nosso objetivo foi promover encontros mediados pela música apostando na potência do fazer musical coletivo no processo de expansão das formas de ver, sentir, pensar e agir dos sujeitos. Na pesquisa, no entanto, não produzimos apenas textos, diálogos, canções e sonoridades, produzimos também imagens

<sup>1</sup> Certificado de apresentação para Apreciação Ética número 38886614.4.0000.5368.

<sup>2</sup> Dados podem ser encontrados por meio do endereço: <http://www.cidades.ibge.gov.br/> Acesso em 22 de julho de 2017.

fotográficas. Em verdade, produzimos uma experiência que constantemente se deu como um diálogo entre a linguagem verbal, musical e imagética. Assim, a imagem, cuja produção fotográfica<sup>3</sup> se deu na experiência de intervenção dentro da pesquisa, virou o foco principal neste trabalho. As imagens aqui escolhidas foram revisitadas e não foram publicadas em trabalhos anteriores.

Escolhemos aqui abordar um tipo específico de relação, a relação ótica, essa relação que se faz muda e que acontece no encontro e no desencontro de olhares. Diretamente relacionada à produção de subjetividade, o modo como olhamos e somos olhados cria nossa visão de mundo, transforma quem somos e nosso contexto. O olhar é uma forma de relação e apropriação do mundo, pois, olhamos a partir de nossas experiências e criamos sentidos a partir daí. Assim, o modo como olhamos diz quem somos e como compreendemos e vemos a realidade. De igual forma, o modo como somos olhados/as marca nossa experiência e nos constitui.

Neste trabalho, utilizaremos as imagens como recurso para tensionar o modo como olhamos o habitual, o já olhado, e, de igual modo, para problematizar como olhares podem (re)produzir lugares superiorizados e inferiorizantes. Encontrar caminhos potentes para resistir a esses olhares pode ser um meio para (re)criação das formas de ser, pensar, estar e sentir.

O uso de imagens tem sido uma potência na construção de conhecimento científico. Segundo Lucas Neiva-Silva e Silvia Koller, em *Psicologia*, a fotografia tem contribuído para a pesquisa “há mais de cem anos” (2002, p. 237). Seu uso na pesquisa pode ocupar diferentes lugares. Ela pode ser um recurso metodológico, que pretende contribuir para a construção teórica. A fotografia pode servir de registro, documentando dados. Ela pode ser utilizada para disparar a construção de sentidos de participantes de uma pesquisa, como nos casos em que imagens são apresentadas aos sujeitos pesquisados para que suas afecções sejam posteriormente analisadas. A fotografia pode ainda ser o próprio recurso de intervenção, quando os participantes são convidados a fotografar e posteriormente, cons-

truir sentidos para a criação imagética, dentre outras funções (Neiva-Silva & Koller, 2002).

Torna-se cada vez mais relevante para o campo das construções científicas, emancipar a fotografia de seu lugar de mera ilustração para que ela assuma sua autonomia. Em ações comunitárias, por exemplo, as “oficinas de fotografia, [atuam] como dispositivos na construção de vínculos coletivos, para a promoção de autonomia - compreendida como capacidade concreta de pensar, sentir e agir - na ampliação do universo de possibilidades” (Maheirie, 2015, p. 368).

A fotografia é, portanto, polissêmica, ela pode evocar a construção de sentidos e, como propõe Judith Butler (2015), a fotografia não se reduz a retratar o real, antes, constrói e amplia a cena do acontecimento. A fotografia, quando em seu enlace com a produção científica, não é projeção da subjetividade e sim, disparadora de produção subjetiva a partir das afecções geradas no espectador. Sendo assim, ela não representa o real, antes, cria ficções; aquele que é por ela afetado torna-se sujeito ativo, criativo.

A fotografia foi por nós utilizada como recurso metodológico compreendendo ser essa arte autônoma, capaz de ser lida e, dessa forma, disparar a criação de sentidos possibilitando a ampliação de olhares sobre a pesquisa (Muller, 2013). Neste trabalho, as imagens assumem um lugar um pouco mais evidenciado, ainda que cientes que este trabalho não utiliza a criação fotográfica como intervenção em si, como por exemplo, nos trabalhos de Kátia Maheirie (2015) ou André Strappazzo, Beatriz Santa, Francyne Werner e Kátia Maheirie (2008) e sim, como disparadora de criação de sentidos.

Diante das imagens aqui apresentadas, mais do que representar o dito, apresentaremos possíveis leituras, possíveis sentidos, que apontam para o que as imagens nos indicam, uma vez que, como propõe Judith Butler (2015), as fotografias atuam de certa forma em nós.

A imagem, assim como a música, é disparadora de criação de sentidos. Este trabalho é, portanto, uma busca por arriscarmos a trabalhar com outras linguagens que não somente a verbal. Nosso exercício aqui é assumir a imagem como também produtora de discurso,

<sup>3</sup> As imagens foram produzidas pela pesquisadora e musicoterapeuta Sheila Beggiano.

uma vez que dizem algo sobre um recorte do real, pois “refletem e refratam posições axiológicas, que demarcam determinados lugares sociais de enunciação” (Müller, 2013, p. 55).

### Procedimentos utilizados

Nossa pesquisa mais ampla caracterizou-se como um tipo de pesquisa-intervenção de caráter qualitativo. Assumimos que o/a pesquisador/a ao adentrar seu campo de atuação o transforma e é também constantemente por ele transformado (Freitas, 2003).

Nosso trabalho foi orientado pela proposta social e comunitária na Psicologia e na Musicoterapia, compreendendo um trabalho *na e com* a comunidade, com propostas construídas em parceria com a população que se trabalha, em que os sujeitos sinalizam aspectos da vida cotidiana da comunidade que desejam transformar e constroem coletivamente formas de intervenções na concretude do viver (Arndt, 2015; Arndt & Maheirie, 2017). Analisamos a música como mediadora de encontros que produziram caminhos possíveis para o tensionamento do sensível, analisando os sentidos criados pelos/as participantes a partir das experiências estéticas por eles/as criadas.

Como recurso metodológico, utilizamos a escrita de diário de campo, compreendendo-o como uma forma de escrita informal e livre, aberta a acolher as afecções geradas no encontro e, de igual forma, um meio para o registro das falas dos/as participantes. No último encontro da Roda de Música, realizamos uma roda de conversa, com eixo norteador, com intuito de promover um espaço para criação de diálogos sobre a experiência vivenciada coletivamente. Realizamos também uma entrevista com uma das integrantes que não pôde estar no dia da realização da roda de conversa.

Em nosso processo de análise das informações construídas em campo, destacamos as temáticas e criamos categorias de análise, a partir das falas dos sujeitos, das quais destacamos aqui o seguinte eixo temático: o tensionamento no sensível a partir da experiência dos encontros.

Para composição deste trabalho, inicialmente (re)visitamos as informações construídas na pesquisa desenvolvida em 2014 perscrutando

o que não havíamos ainda explorado, permitindo-nos trabalhar aspectos da experiência que ainda não haviam sido aprofundados. Fomos movidas por um tipo de olhar que pretende “apanhar tudo aquilo que é deixado de lado como algo que não tem significação, algo que parece não ter nem importância nem sentido” (Gagnebin, 2009, p. 54), no intuito de trabalhar com essas “sobras”.

Assim, colhemos duas imagens para comporem a narrativa deste trabalho para, em seguida, pensar acerca da potência da arte e as tensões geradas no sensível. Colocamos em diálogo diferentes autores que pudessem contribuir para pensar sobre os olhares que operacionalizam os modos de viver do humano, instituindo lugares e papéis sociais. Nosso foco agora incide sobre a potência da linguagem imagética, uma vez que as imagens retratam o real, mas de igual modo, convocam a criação de realidades outras<sup>4</sup>.

Neste trabalho, assumimos uma proposta ensaística de escrita considerando que o “ensaio é, justamente, a forma não regulada da escrita e do pensamento, sua forma mais variada, mais protéica, mais subjetiva” (Larrosa, 2004, p. 32). Este texto busca no ensaio sua justa forma de se criar, pois nos permite evidenciar nosso lugar de pesquisadoras e nossa posição discursiva sobre o vivido (Larrosa, 2004) assim, pretendemos olhar para o habitual e, a partir daí, abriremos caminhos para novas criações de sentidos e novas ficções.

Ao longo de nossa escrita intentamos criar um texto teórico integrativo, porque dialogamos constantemente com autores/as que contribuem na produção do que nomeamos como potências da imagem. De igual modo, este trabalho é exploratório, porque vai tecendo conexões entre a palavra e a imagem, entre a teoria e a experiência.

Inspiramo-nos na dialogia para leitura e análise das imagens aqui apresentadas (Bakhtin, 2010) atentando para os elementos não-verbais suscitados por meio da fotografia, e sua potência na criação de relações de sentido.

Pretendemos que com as provocações aqui desenhadas, construamos conhecimento teó-

<sup>4</sup> Todas as imagens e falas utilizadas foram autorizadas pelos sujeitos envolvidos na pesquisa por meio de assinatura no Termo de Consentimento Livre Esclarecido.

rico e, assim, contribuamos para o campo prático de atuação de psicólogas/os, musicoterapeutas, assistentes sociais e demais profissionais que atuem em contextos de risco e vulnerabilidade social.

### O olhar que resiste e o tensionamento no sensível

Tomando emprestada a proposta de Jacques Rancière (2009), intentamos pensar a estética como a organização sensível dos regimes sociais, que determina os modos de olhar, ouvir, sentir e pensar o humano. Tal configuração estética é o que rege os modos de pensabilidade, as concepções de mundo, e, assim, demarca uma parcela da população como portadora de uma voz legitimada, e uma parcela da população que não tem sua voz contada, sendo antes ouvida como ruído (Rancière, 1996).

Para Jacques Rancière (2010) o homem é portador da palavra e o animal de voz, a voz anuncia apenas a dor e o prazer, já a palavra permite a partilha do que é justo e injusto. Os arranjos sociais vão historicamente se desenhando e legitimando sujeitos como sendo possuidores de voz, e outros, apenas ruído.

O modo como os sujeitos são escutados cristalizam esses lugares, e, as normas regem os modos de visibilidade, “essas normas atuam para *mostrar um* rosto e para *apagar esse* rosto” (Butler, 2015, p. 118). Assim, por mais que o *ser* humano seja um axioma, uma condição igual a todos (Rancière, 2002), vivemos em uma realidade em que “alguns humanos consideram natural sua condição de humanidade, ao passo que outros batalham para garantir acesso a ela” (Butler, 2015, p. 117).

Para Rancière (1996; 2002; 2010), a Política se dá quando uma ruptura na configuração sensível operante é instaurada. É necessário que ocorra a denúncia do dano que uma parcela da população sofre e assim, a ordem hierárquica vigente seja desestabilizada.

Dentre as potências para o tensionamento dos regimes sensíveis operantes e abertura de outros possíveis, encontra-se a arte. A arte pode (re)criar relações e assim reconfigurar o território comum, ou seja, o modo como o espaço, o tempo, e os corpos são distribuídos (Rancière, 2010). A arte não é política por carregar uma mensagem engajada ou pelos sentimen-

tos que possa transmitir, pelo contrário, quanto mais aberta à construção de sentidos vários, mais potente ela é, movendo-nos à ação (Rancière, 2010; Vigotski, 1924/2010; Vigotski, 1925/1999). A arte é política porque aponta para outros possíveis, abre para novos sensíveis, ela anuncia a possibilidade de desconstrução do real. Para tanto, é necessário que a arte seja publicizada e pretenda a transformação de um dano que é sentido por um coletivo (Rancière, 2009; 2012).

Nas pesquisas desenvolvidas pelo Núcleo de Pesquisa em Práticas Sociais, Estética e Política – NUPRA – vinculado a UFSC, a arte tem sido mote de interesse, especificamente, a arte em sua potência para tensionar o regime sensível instituído em contextos comunitários. O que percebemos em nossa pesquisa (Arndt & Maheirie, 2017), assim como em tantas outras desenvolvidas pelo NUPRA, é que, quando intervimos com pessoas que se encontram em contexto de vulnerabilidade social, é recorrente o sentimento de ser invisibilizado/a, ou marcado/a como sendo inferior. A arte tem adentrado o campo das pesquisas comunitárias por nosso Núcleo, pois temos analisado sua potência na criação de formas outras de pensabilidade. O modo como os sujeitos que acompanhamos são olhados, produz efetivamente seus modos de subjetivação e objetivação e, assim, criar meios para transformar esses olhares inferiorizantes é uma forma de (re)criar a existência.

As imagens 1 e 2 problematizam o tema do olhar. Expõem enquadramentos e focos que nos levam a criar sentidos. Os textos produzidos a partir de nossas afecções certamente partem de nossa ontologia e de nosso lugar histórico. Ao criar palavras para as afecções em nós provocadas certamente será desenhada uma “matriz interpretativa para aquilo que é visto” (Butler, 2015, p. 121). Essas, no entanto, não pretendem se constituir como verdades absolutas, antes atuam como dispositivos para criações de ficções e leituras outras. As fotos apresentadas tentam tensionar o modo como olhamos o habitual.

Nesta escrita, apresentamos o contexto comunitário como cenário de nosso interesse e a população classificada como em situação de vulnerabilidade social como os sujeitos pelos quais nos interessamos em nossas pesquisas. A vulnerabilidade social envolve questões em torno do pertencimento social e vínculos fra-

gilizados, a pobreza, o acesso reduzido a informações e serviços, entre outras questões que afetam a apropriação dos direitos por parte do(s) sujeito(s) (Brasil, 2012). Renunciamos à proposta naturalizada das posições sociais e tampouco corroboramos com a suposta culpabilização individual em torno da pobreza, antes, a compreendemos como sendo não apenas de ordem material e sim, envolvendo todas as questões subjetivas do existir e sempre atrelada ao contexto sócio-histórico e cultural (Yamamoto & Oliveira, 2014) do qual emergem.

### Discussão

A urbanidade é palco e plateia da constante travessia do cotidiano. É na concretude de vida dos sujeitos que encontramos os arranjos que irão evidenciar rótulos, enaltecer posições e amplificar determinadas vozes em detrimento de outras. É no cotidiano que percebemos anúncios e enunciados. Enunciado aqui é compreendido a partir da proposta de Bakhtin e seu Círculo, “não mais como unidade da língua, mas como unidade da interação social; não como um complexo de relações entre palavras, mas como um complexo de relações entre pessoas socialmente organizadas” (Farraco, 2009, p. 66). Assim, na figura 1, vemos anúncios de escolaridade, saúde, governo,

promoção, gratuidade, transporte, comércio. Enunciados de existências, relações, dores, projeções e criações. O habitual nos apresenta sempre o mesmo, e, paradoxalmente, nunca o mesmo. O mesmo taxista, o mesmo atendente de farmácia, a mesma praça, e, curiosamente, nunca da mesma forma. Há sempre algo novo no corriqueiro, no banal.

Mas, seria o cotidiano urbano o melhor palco para homens e mulheres criarem suas experiências estéticas, assumirem o potencial artístico da existência e ocuparem o espaço com arte? Não seria necessário que suas artes adentrassem espaços culturais elitizados e assim subvertissem a lógica de que somente a obra de arte atestada por curadores é passível de reconhecimento? Para Rancière, a potência política da arte está diretamente relacionada com o local em que ela se coloca. Para ser potente, segundo o autor, a arte precisa publicizar e problematizar formas de existência (Rancière, 2009; 2012). Quando anônimos criam e têm sua arte exposta em espaços dedicados a grandes obras e artistas, sua visibilidade e seu impacto pode subverter uma lógica operante.

As figuras 1 e 2 foram produzidas durante uma intervenção urbana nomeada de “Natal de Rua”, em que os participantes adentraram



**Figura 1.** A imagem cotidiana

o espaço comunitário com canções, cartões e doces.

O grupo pesquisado nesta investigação teve uma oportunidade de apresentação musical em um evento promovido pela Secretaria de Assistência Social do município e, curiosamente, demonstrou maior desejo e interesse em cantar na praça da comunidade, do que no palco do centro de eventos. Em um dos encontros de nossa investigação, Maria<sup>5</sup> nos disse: “seria valioso apresentar [...] tipo na praça, cantar ali no CRAS, fazer uma apresentação no bosque, as apresentações são muito importantes para nós”. Aqui, lemos um pedido por reconhecimento e por visibilidade, para além dos muros da instituição, buscando alcançar o público do cotidiano, da cidade, do contexto urbano mais amplo, como mostra a cena da figura 1, já que os participantes de um projeto musical, aberto à comunidade, realizado em um CRAS, desejaram inscrever sua arte musical no lugar em que a vida cotidiana acontece.

Durante os encontros da Roda de Música, repetidas vezes os sujeitos comentaram o quanto era importante o momento coletivo, o estar em grupo e a oportunidade de saírem de suas casas para socializar. No coletivo reside uma potência nos processos de tensionamento da configuração sensível.

Percebemos também que o modo como os/as participantes olharam para si após os encontros da Roda de Música e das apresentações públicas também se modificou, nas palavras de Maria: “ali foi bom por isso, eu conto para os outros: olha sou famosa, fizemos até uma música! Temos uma letra nossa! E cantamos ainda!” (Maria, roda de conversa, novembro de 2014).

A figura 1 apresenta uma cena de um projeto que se iniciou durante um dos encontros, quando Maria nos disse, referindo-se a certas formas contemporâneas de viver em comunidade: “parece que agora está todo mundo disperso. Eu tenho vontade de fechar uma rua e fazer uma festa comunitária de Natal” (Diário de campo, outubro de 2014). A partir daí começamos a tecer ideias de como concretizar uma intervenção na rua. E assim, “Chegamos a expor algo [...] pro povão ouvir”,

como nos disse Elias (Elias, roda de conversa, novembro de 2014).

A figura 1 apresenta um coletivo disposto a ocupar o comum para construir novas formas de *comunidade*. Ocupando o espaço urbano e fazendo arte, provocaram a construção de outros olhares.

Durante nossa pesquisa, trabalhamos com uma parcela da população que alega ser olhada como se sempre estivesse solicitando algum favor (Diário de campo, setembro de 2014). Esse olhar inferiorizante foi narrado por uma participante como sendo duplamente disparado. Por um lado, pela equipe técnica do CRAS, por outro, pelas pessoas que não frequentam o CRAS, ao olharem as pessoas entrando naquele equipamento. No entanto, durante as experiências criadas na Roda de Música, puderam, ainda que sutilmente, deslocar esses olhares, criando outras visibilidades:

Eu tinha aquela coisa ruim do CRAS ali, eu nem ia lá [...] então daí menina, ali naquela roda eu chegava ali feliz. Pode estar olhando com a cara feia que eu não tô nem aí. Mas, daí sabe que eu fui bem tratada pelas pessoas dali?! (Maria, entrevista pessoal, fevereiro de 2015).

Ao transformarem o modo de olharem para si e para o coletivo que criaram, inauguraram uma forma de resistir a olhares subalternizantes.

Lançando-se à criação e ocupação de outro papel no campo do viver diário os/as participantes causaram um estranhamento no habitual, ocupando o espaço do CRAS com suas produções musicais, cantaram na praça, na farmácia, na rua e, assim, tensionaram o modo como eram olhados e escutados no contexto ordinário da vida.

Naquele dia pudemos cantar em um ponto de ônibus desativado, ou seja, um lugar destinado ao abandono, ao desuso, à invisibilidade, que pôde ser povoado, ocupado, habitado e serviu de palco, ainda que por um dia apenas. Mas, uma cena, por mais fugaz que pareça, pode produzir novas cenas que possam ir deslocando lugares identitários e venham a promover novos processos de identificação.

<sup>5</sup> Os nomes das/dos participantes são fictícios, preservando assim suas identidades.



**Figura 2.** A (in)visibilidade

É no estranhamento do comum que abrimos a possibilidade de desnaturalizar os lugares cristalizados. É adentrando o dia-a-dia e encontrando nele e em seu cenário espaços que possam ser disruptivos e emancipatórios que desenhamos novos territórios para a existência.

Na imagem 2 vemos uma cena de umas das participantes que coloca um gorro de natal e entra em uma farmácia para oferecer um cartão que contém a letra da canção composta pelo grupo. Ela nos contou que muitos perguntavam para ela que grupo era aquele cantando na praça. Ela, então, contava sobre o projeto da Roda de Música, explicava sobre o CRAS e como as reuniões aconteciam. A surpresa dos transeuntes e atendentes do comércio local era evidente. Olhares curiosos e receptivos.

As imagens são mediações sociais, que retratam e constroem realidades. Na figura 2, no entanto, as informações da imagem estão fora de foco, causando, de saída, um estranhamento. Identificamos a presença de alguns produtos nas prateleiras de uma farmácia, com seus rótulos distorcidos pela imprecisão da imagem e é esse deslocamento no foco que nos é caro, uma vez que a arte é perturbadora justamente por transgredir a ordem, distorcendo rótulos para renunciá-los/as.

Como mencionamos, os/as participantes repetidas vezes narraram sobre as experiências de (in)visibilidades e pensabilidades que os/as permeavam. E, de fato, durante os encontros da Roda de Música, os sujeitos vivenciaram de formas distintas as relações óticas que ali se estabeleceram. Em um dos encontros, conforme descrito em diário de campo, uma funcionária do CRAS entra na sala que estávamos reunidos somente para fotografar. O grupo reage de forma descontraída expressando contentamento em ocupar esse lugar e, assim, fazer-se outro para os olhos alheios. Em outra cena na qual os sujeitos estavam tocando e cantando, foi possível perceber que “alguns/mas funcionários/as entraram na sala para ver a Roda, pois o som preencheu todo o ambiente do CRAS. À porta, aglutinaram-se três funcionários/as que aplaudiram e sorriram” (Diário de campo, setembro de 2014).

Os sujeitos com os quais trabalhamos nos diziam constantemente sobre a novidade que era em sua rotina terem a oportunidade de se reunir uma vez na semana e fazer “até” música. Uma das participantes nos disse: “foi uma experiência que eu nunca tive, nunca tive experiência de música, essas coisas. Sou meio parada nisso porque minha vida foi criar minha filharada” (Aurora, roda de conversa, novembro de 2014). Uma tônica nos discursos por nós analisados foi a particularidade da experiência artística. Falas como: “quem di-

ria, a gente compondo! ”, “fazendo “até” música”, nos mostraram o quanto muitos ali achavam que o fazer musical era destinado somente à alguns, portadores desse privilégio ou “dom”. Ao experimentarem outras formas de inscrição na vida social e nas suas relações, elas e eles compreenderam que o fazer artístico é um ofício, possível a qualquer um.

É possível analisar que aqui se evidenciam pequenas modificações no instituído. Quando algo escapa à uniformização, ao padrão, ao já estabelecido, criam-se fissuras que nos parecem potentes nos processos de expansão das possibilidades de ser, pensar e existir do humano (Müller, 2013). Por mais que as experiências dos sujeitos tenham se delimitado ao período de realização da pesquisa, acreditamos que elas têm a potência de se estenderem para outras cenas no campo do vivido, uma vez que, partindo de uma perspectiva histórico-cultural, compreendemos que o sujeito não é mera produção do social, é também produtor de seu contexto (Maheirie, 2002).

Trazer para análise uma imagem desfocada é um convite e uma provocação para que o espectador (re)ajuste seu foco, em um constante exercício de problematizar os modos de visibilidades operantes.

Ao término de nossa pesquisa analisamos, a partir da fala dos sujeitos, os sentidos criados para o processo da Roda de Música. Verificamos que o exercício de olhar para a experiência, olhar para a pesquisadora, olhar para o coletivo, olhar para o seu entorno mediou processos de projeção dos sujeitos para ações comunitárias que se concretizaram em seus espaços coletivos e que não se encerraram com o término de nossa pesquisa.

Jacques Rancière (2012) desconstrói a suposta ideia de que o olhar é sinônimo de passividade, antes, propõe pensar a relação ótica como uma ação, que envolve muitos olhares. Ao emancipar o espectador de uma suposta passividade, reconhecemos que aquele que olha também cria, e assim, dispensamos a “oposição entre olhar e agir” (Rancière, 2012, p. 115). Perscrutar as lacunas, os meandros dos papéis sociais é irromper para construção de outros lugares possíveis, é mover o olhar para direções antes não vislumbradas.

## Considerações Finais

Neste trabalho utilizamos as imagens como um elemento constituinte do processo de produção de informações da pesquisa, potente por ser fonte de informação e produtora de discurso. Nosso exercício consistiu em atentar para o fato que de as imagens retratam o real, mas, mais que isso, criam ficções que nos lançam à possibilidade de construção de outros possíveis.

Por meio do uso da imagem como recurso discursivo, discorremos sobre o tema das (in)visibilidades operantes no cotidiano de vida dos sujeitos com os quais trabalhamos para atestar que houve uma modificação no modo como os corpos, os espaços e as sonoridades foram distribuídas a partir das experiências ali criadas. Dessa forma, marcamos a potência da arte nos processos de tensionamento do sensível, produzindo assim experiências que podem ser emancipatórias e disruptivas.

Reconhecemos que ocupar o espaço urbano com arte criada por uma parcela da população que não é considerada artista e sim considerada vulnerável socialmente causa um estranhamento, e o tensionamento poderia ser o primeiro passo para resistir a olhares subalternizantes e assim, criar formas outras de existir, de olhar e ser olhado.

## Referências

- Arndt, Andressa (2015). “Mas, nós vamos compor?”: roda de música como experiência coletiva em um CRAS da região metropolitana de Curitiba. Dissertação de Mestrado inédita, Universidade Federal de Santa Catarina.
- Arndt, Andressa & Maheirie, Kátia (2017). A música como mediadora de encontros em um CRAS. *Pesquisas e práticas psicossociais*. 12(2), 439-452. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppp/v12n2/14.pdf>
- Bakhtin, Mikhail (2010). *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária.
- Brasil (2012). *Orientações técnicas sobre o PAIF: Serviço de Proteção e Atendimento Integral à família*. Ministério do Desenvolvimento Social e combate à fome. Brasília, DF: Secretaria Nacional de Assistência Social. Sistema Único de Assistência Social. Recuperado de <http://www.mds.gov.br/assistenciasocial/protecaoobasi->

- [ca/Orientacoes%20Tecnicas%20sobre%20o%20PAIF%20-%20Tipificacao.pdf/view](#)
- Butler, Judith (2015). *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Faraco, Carlos A. (2009). *Linguagem e Diálogo. As ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Freitas, Maria T. A. (2003). A perspectiva sócio-histórica: uma visão humana da construção do conhecimento. In: Maria Teresa Freitas; Solange J. Souza & Sônia Kramer (Orgs.), *Ciências Humanas e Pesquisa: Leituras de Mikhail Bakhtin* (pp. 26-38). São Paulo: Cortez Editora.
- Gagnebin, Jeanne G. (2009). *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Editora 34.
- Larossa, Jorge (2004). A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. *Revista Educação & Realidade*, 29(1), 27-43. Recuperado de <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25417/14743>
- Maheirie, Katia (2002). Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. *Interações*, 7(13), 31-44.
- Maheirie, Katia (2012). Coletivos e relações estéticas: alguns apontamentos acerca da participação política. In: Claudia Mayorga; Lucia R. Castro & Marco Aurélio M. Prado (Org.) *Juventude e a experiência da política no contemporâneo*. (pp. 143-167). Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Maheirie, Katia (2015). *O fotografar e as experiências coletivas em Centros de Referência em Assistência Social*. In: Aluísio F. de Lima; Déborah C. Antunes, & Marcelo G. A. Calegare (Orgs.), *A Psicologia Social e os atuais desafios ético-políticos no Brasil* (pp. 324-334). Porto Alegre: Editora da ABRAPSO.
- Muller, Flora L. B. (2013). *A cidade em foco: Olhares a partir do bairro Chico Mendes*. Dissertação de Mestrado inédita, Universidade Federal de Santa Catarina. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/123060>
- Neiva-Silva, Lucas & Koller, Sílvia H. (2002). O uso da fotografia na pesquisa em Psicologia. *Estudos de Psicologia*, 7(2), 237- 250. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2002000200005>
- Rancière, Jacques (1996). *O desentendimento*. São Paulo: Editora 34.
- Rancière, Jacques (2002). *O mestre ignorante. Cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Rancière, Jacques (2009). *A partilha do sensível. Estética e política*. São Paulo: Editora 34.
- Rancière, Jacques (2010). A estética como política. *Devires - Cinema e Humanidades*, 7(2),14-36. <http://www.fafich.ufmg.br/devires/index.php/Devires/article/view/325/186>
- Rancière, Jacques (2012). *O Espectador Emancipado*. São Paulo: Martins Fontes.
- Strappazzon, André; Santa, Beatriz; Werner, Francynne & Maheirie, Kátia (2008). A criação fotográfica e o aumento da potência de ação: experiências e possibilidades. *Cadernos de Psicopedagogia*. 7(12). [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1676-10492008000100002](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-10492008000100002)
- Vygotski, Lev S. (1925/1999). *Psicologia da Arte*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotski, Lev S. (1924/2010). *Psicologia Pedagógica*. São Paulo: Martins Fontes
- Yamamoto, Oswaldo H. & Oliveira, Isabel F. (2014). *Definindo o Campo de Estudo: as Políticas Sociais Brasileiras*. In Isabel F. Oliveira & Oswaldo H. Yamamoto (Orgs.), *Psicologia e Políticas Sociais: temas em debate* (pp. 21-45). Belém: Ed. UFPA.



ANDRESSA DIAS ARNDT

Graduada em Musicoterapia. Mestre em Psicologia e Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Brasil.

KÁTIA MAHEIRIE

Doutora em Psicologia (Psicologia Social) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil.  
Professora Titular da Universidade Federal de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

DIRECCIÓN DE CONTACTO

[andressa.d.arndt@gmail.com](mailto:andressa.d.arndt@gmail.com); [maheirie@gmail.com](mailto:maheirie@gmail.com)

FORMATO DE CITACIÓN

Dias Arndt, Andressa & Maheirie, Kátia (2018). A imagem e as tensões para outros olhares. *Quaderns de Psicologia*, 20(3), 209-219. <http://dx.doi.org/10.5565/rev/psicologia.1441>

HISTORIA EDITORIAL

Recibido: 04/01/2018  
1ª Revisión: 14/06/2018  
Aceptado: 23/08/2018